

PARQUE ANAUÁ: ESPAÇO VIVO NO CORAÇÃO DE BOA VISTA/RORAIMA

CLAUDIA HELENA CAMPOS NASCIMENTO
CIBELE ARAGÃO DA PAZ

claudia.nascimento@ufr.br
cibelecampos.a@hotmail.com

RESUMO ABSTRACT

O presente trabalho visa apresentar o Parque Anauá, espaço público na cidade de Boa Vista, capital de Roraima, sob a perspectiva de sua construção cultural e, para tal, o artigo registra o percurso histórico sobre o surgimento deste parque urbano, tanto sob a perspectiva ambiental e arquitetônica quanto sociopolítica. O processo de investigação acadêmica intenciona consolidar, a partir da produção textual, referencial sobre o espaço em estudo, através da análise de dados coletados em fontes documentais, bibliográficas e em trabalho de campo. A importância deste texto é permitir acesso a informações sobre o Parque Anauá, que se destaca como parque urbano representativo do lavrado roraimense e cuja relação de pertencimento com a população local permite a promoção da qualidade de vida, mas que encontra-se sob o risco de intervenções inadequadas que podem comprometer seus atributos.

Palavras chave:

Parque Anauá. Boa Vista/Roraima, lavrado roraimense, arquitetura moderna

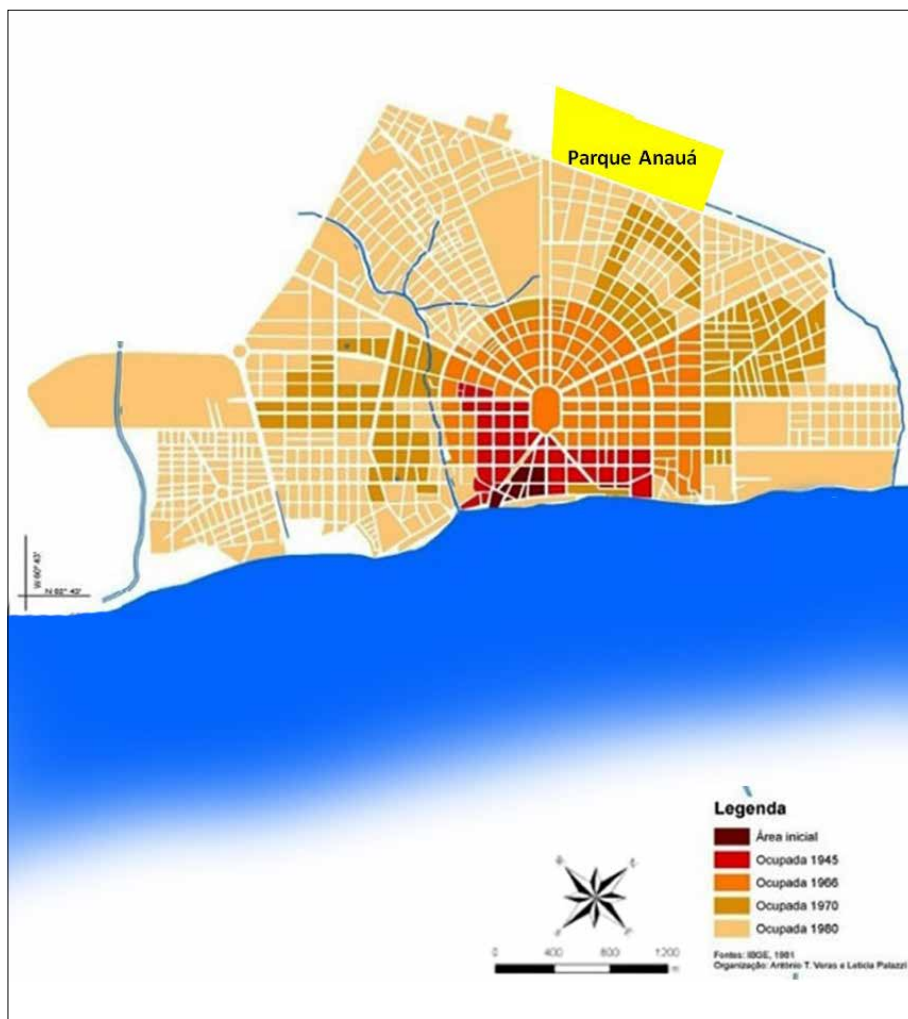
The present work aims to present the Parque Anauá, a public space in the city of Boa Vista, capital of Roraima, under the perspective of its cultural construction and, for this, the article records the historical route on the emergence of this urban park, both from the perspective environmental and architectural as well as sociopolitical. The process of academic research intends to consolidate, from the textual production, referential on the space under study, through the analysis of data collected in documentary, bibliographic and fieldwork sources. The importance of this text is to allow access to information about Parque Anauá, which stands out as an urban park representative of "lavrado" and whose relation of belonging to the local population allows the promotion of quality of life, but is at risk of interventions that may compromise their attributes.

Key-words

Anauá Park, Boa Vista/Roraima, Roraima's Lavrado. Modern Architecture.



CONSIDERADO COMO O MAIOR parque urbano da região norte do Brasil, o Parque Anauá possui área de 106 hectares e foi proposto para a área pericentral de Boa Vista, capital do Estado de Roraima (Il. 1), na década de 1980, a partir do qual podemos analisar vários processos relacionados a este espaço: o de compreensão histórica de Boa Vista, sua relação com o meio urbano e representatividade social e de sua arquitetura. Este trabalho, como parte de pesquisa mais ampla em andamento, visa apresentar o processo de constituição desse espaço, que compõe mosaico importante para a compreensão dos processos de construção histórica e política em Roraima.



Il. 1: Crescimento do espaço urbano de Boa Vista: décadas de 1920-1980.
Fonte: VERAS, adaptado.

O presente artigo se divide na caracterização do espaço do Parque Anauá, a partir de suas mudanças ao longo de sua existência, destacando o contexto destas. Com especial atenção serão apresentadas as propostas que compuseram o concurso de projetos, ocorrido em 1980, que lhe atribuiu a denominação “Parque Anauá”. Em sequência serão apresentadas as intervenções posteriores ao projeto implantado.

O trabalho foi desenvolvido a partir de revisão bibliográfica e documental, além da coleta de dados de campo, etapas do processo de pesquisa em andamento do Laboratório de Práticas de Projetos e Pesquisas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima. A importância da abordagem visa consolidar dados de parca informação sobre esse espaço, tão importante na capital roraimense; de forma complementar, visa apontar para a fragilidade do Parque diante das tomadas de decisão, baseadas em critérios de ocasião, que comprometem a sua unidade projetual e funcional, embora dêem resposta à vivacidade do espaço público.

PARQUE ANAUÁ: NOTAS SOBRE O PROJETO

A caracterização histórica do Parque Anauá se fez em três fases: um momento inicial, de apropriação do espaço no entorno do que passou a ser denominado como Lago dos Americanos; um segundo, onde a presença institucional assume importância, e que se caracteriza pelo concurso de projetos para o Parque, que o configurou e denominou, no início da década de 1980; por fim a fase das intervenções posteriores, que lhe dão o aspecto atual. Há necessidade de se ressaltar que o Parque se mantém como um recorte do lavrado roraimense (NASCIMENTO e LINS, 2017) inerido na estrutura urbana de Boa Vista, mesmo com todas as intervenções arquitetônicas em seu espaço e, com isso, a moderna capital projetada amazônica.

Para efeito desse texto, trataremos o Primeiro Concurso Público de Anteprojeto para o Parque, em 1980, como marco delimitador do que consideramos um primeiro momento, onde a gestão do espaço é devida a vários atores sociais, e um segundo, de institucionalização de um parque público, sujeito às ações das gestões dos governos do Território Federal (de 1943 a 1962 denominado Território Federal do Rio Branco, de 1962 a 1988 como Território Federal de Roraima) e, posteriormente, do Estado de Roraima.

De espaço de lazer a parque público

Anteriormente conhecida como Fazenda dos Americanos, a área atraía a população boavistense para o lazer, principalmente devido à existência de lagos perenes, característicos na região. Em relação ao plano original da cidade, traçado por Darcy Aleixo Derenusson (Rio de Janeiro, 1916-2002), na década de 1940, este espaço não foi previsto no planejamento, sendo incorporado a partir de sua primeira extensão, devido à dinâmica social que mesmo já possuía para Boa Vista. Sua localização, lindeira ao eixo de ligação entre a Praça do Centro Cívico e o aeroporto da cidade, garantiu-lhe inserção no cenário urbano, abrigando importantes equipamentos e ações culturais, além de ambiência paisagística com características típicas do lavrado roraimense.

Relatos dão conta que os primeiros proprietários, ainda na década de 1930, foram da família Campos, sendo denominado inicialmente o local de “Lago dos Campos”. Depois, na década de 1940, foi adquirido por um inglês proveniente da Guiana, de sobrenome Gorinski que, em 1947, vendeu o lago ou área adjacente para “um americano de cognome *Black*, cuja esposa chamava-se Miss Beverly” que

percebendo o movimento no local resolveu fazer um tipo de boate/restaurante, que funcionava em instalações incipientes, não havendo sequer instalações sanitárias. Contudo, a sua boate/restaurante foi um sucesso e ficaram famosas as “potatões” ou as batatas fritas de Miss Beverly. O lago transformou-se assim em área de lazer e passou a ser chamado de “lago dos americanos” (LIMA, 2011).

Desta maneira a associação com esses americanos fez com que os nomes Fazenda dos Americanos e Lago dos Americanos se consolidassem na memória, até os dias atuais, como identidade de espaço de atração para o lazer e esporte, transformando-se em ponto de referência para encontros e de atração turística.

O governador Hélio da Costa Campos (Rio de Janeiro, 1921/Brasília, 1991), que geriu o Território de Roraima de 1967 a 1969 e, depois, de 1970 a 1974, doou a área para a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO), excluindo aquela contígua ao referido lago, devido à pressão popular. A partir da década de 1970, alguns nomes surgem como arrendatários desta área, tais como Mário Quadros, Petita Brasil, Antonio Paracat, além do próprio 6º. Batalhão de Engenharia de Construção (6º. BEC), que utilizavam ao lago para atividades sociais, esportivas e de recreação.

A dinâmica sobre este espaço induziu à necessidade de intervenções físicas sob a iniciativa pública. No governo que sucedeu ao de Hélio Campos, de Fernando Ramos Pereira (Manaus, 1935/Rio de Janeiro, 2001), entre 1975 e 1979, foram construídas as primeiras instalações públicas de lazer: uma quadra de tênis, uma para a prática de vôlei e duas pistas para aeromodelos. Efetivamente passa a ter atenção governamental na gestão seguinte, quando o governador Ottomar de Souza Pinto (Petrolina, 1931/Brasília, 2007) lança o concurso de projeto para dotação de equipamentos e infraestrutura para o espaço. Ottomar será agente importante nas intervenções futuras, quando o antigo território federal se tornará estado, a partir da promulgação da Constituição Federal em 1988.

Projetos para o parque

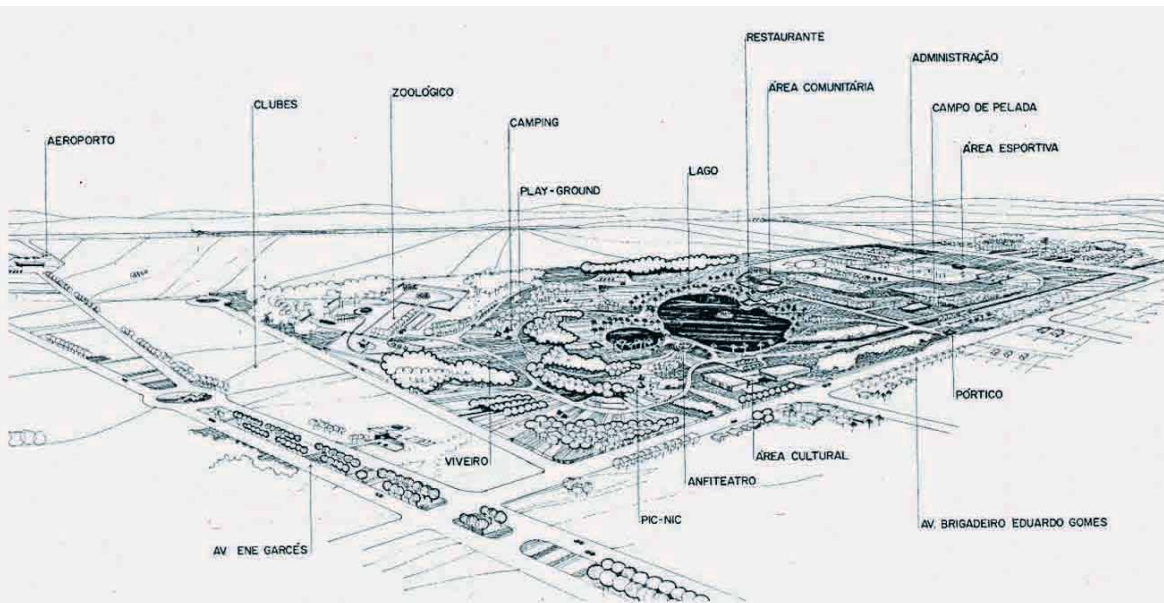
Para a construção do Parque, o Governo do Território de Roraima, durante a primeira gestão do, então, Governador Ottomar de Sousa Pinto (1979-1983), foi promovido o Primeiro Concurso Público de Anteprojeto para o Parque nº 01/80, no limiar das décadas de 1970 e 1980, para o qual era necessária a apresentação de pranchas e memorial. Entre os seis inscritos, apenas duas propostas foram apresentadas: a do arquiteto e urbanista cearense Otacílio Teixeira Lima Neto e a do escritório paraense DPJ Arquitetos Associados (NASCIMENTO *et al.*, 2018b). Entre os dois, diferenças fundamentais, tanto no programa quanto na proposta arquitetônica, onde a opção técnica era condicionante.

Proposta do Parque do Lago dos Americanos

Pelo escritório DPJ foi submetida proposta sob o número de inscrição 6, sendo a única proposta apresentada à Secretaria de Obras e Serviços Públicos do Governo do Território Federal de Roraima, além da vencedora.

Na proposta paraense (Il. 2), denominada de “Parque do Lago dos Americanos”, desenvolvida pelos arquitetos sócios da DPJ e sua equipe, destaca-se o contexto da inserção urbana do parque, visto que *oferece condições vantajosas com referência ao seu relacionamento com a área urbana atual e também com as áreas de expansão, permitindo, através da utilização de algumas vias estruturais, o acesso fácil a partir dos diferentes pontos da cidade* (INSCRIÇÃO Nº 6, 1980, p. 2).

Desta maneira podemos perceber, a partir da análise da documentação original apresentada para o pleito, que é perceptível a intenção conservativa da proposta. Essa ideia se consolida quando observamos

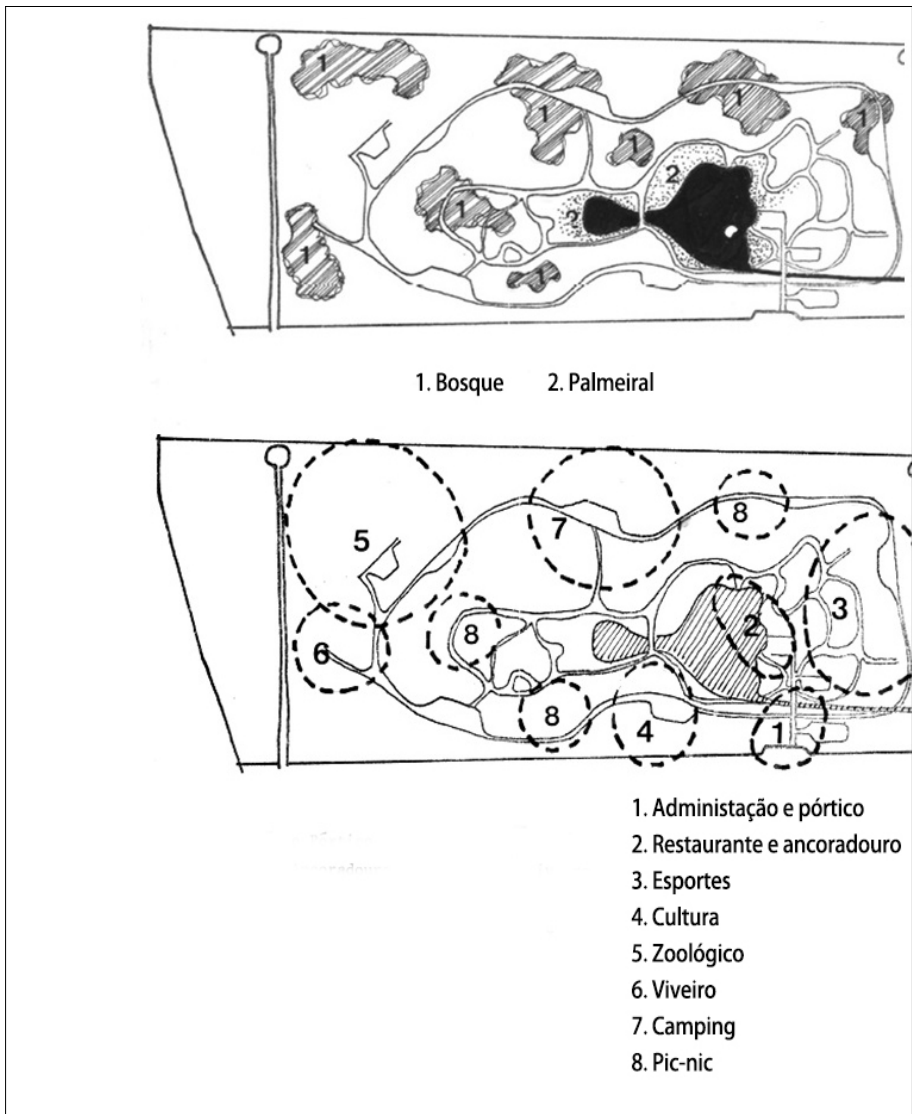


Il. 2: Perspectiva do Parque do Lago dos Americanos.

Fonte: DPJ, 1980.

PAISAGENS HÍBRIDAS

a opção de zoneamento e proposta paisagística (Il. 3). Percebemos que a DPJ, ao propor paisagismo que buscasse suprir a ausência de espaços verdes equipados para o lazer e para a recreação, associa áreas de bosques às funções do zoneamento proposto, visando corrigir, com a proposta do projeto, essa carência com a iniciativa governamental da implantação do Parque Lago dos Americanos.



Il. 3: Estudo paisagístico e zoneamento do projeto do Parque do Lago dos Americanos. Fonte: DPJ, 1980.

Assim a área, com característica paisagística fitomórfica dos campos de Roraima (também denominado lavrado), em sua maior parte rasteira e com arbóreas esparsas, continha setores alagáveis e cursos d'água. A proposta foi então desenvolvida a partir de projeto paisagístico que complementasse a ecogenesia, *visando a adequabilidade do que será implantado como o espírito cultural, cívico e recreativo do habitante de Boa Vista* (INSCRIÇÃO Nº 6, 1980, p. 5), optando pela manutenção e valorização de elementos no projeto do parque urbano que dialogassem com a paisagem natural.

O memorial do projeto da DPJ aponta para a existência de intervenções anteriores ao projeto, possivelmente aquelas inseridas no governo Hélio Campos, pois visava ao *aproveitamento de equipamentos existentes, principalmente na área esportiva, com infraestrutura já bastante adiantada* (INSCRIÇÃO Nº 6, 1980, p. 7).

Proposta do Parque Anauá

A proposta vencedora do concurso teve autoria do arquiteto cearense Otacílio Teixeira Lima Neto (Fortaleza, 1946-2013) sobe o qual existe uma lacuna de dados, tanto quanto à proposta quanto sobre sua própria biografia. Essa situação compromete a pesquisa documental, entretanto favorece a análise de campo, tratando a arquitetura como documento a ser lido e interpretado (LE GOFF, 1990). Nisso temos, por ter sido executado, vantagem de análise quanto à proposta anterior.

A proposta vencedora partia do mesmo programa básico, porém diferenciava-se pela opção formal mais arrojada. Também intencionava *preencher o vazio urbano em termos de opções de lazer, esporte, educação e cultura* (LIMA NETO, 1989, p. 116), portanto visualizava o espaço para o projeto como um vazio inscrito em uma malha urbana consolidada e tinha como programa funções e elementos diversos: pórtico de entrada, anfiteatro, estação do bondinho, conjunto de bares, restaurantes, ancoradouro/cais, administração, centro cultural, escola de primeiro grau e escola de educação especial. Contava ainda

com uma via proposta para o transporte interno por bonde e, de acordo com o projeto, ao longo dessa mesma via todos os serviços seriam localizados. Na seção ocidental foram locadas duas escolas, com acesso independente do circuito interno do Parque.

O partido arquitetônico das edificações objetivava transformar o Parque Anauá em um espaço de experimentação arquitetônica e magnificência da arquitetura vernacular, *uma espécie de mostruário da força e da imponência da madeira da mata* (LIMA NETO, 1989, p. 117) contudo, é visível na sua proposta, o uso profuso de concreto em várias de suas estruturas, com forte caráter arquitetônico e plástico. Não podemos negar, contudo que, em muitos edifícios, é possível identificar diálogo formal com as malocas, assim do uso inteligente dos materiais naturais, como madeiras e palha, e do concreto, sempre que necessário. Também, cabe registrar, que a necessidade de adequação do projeto a determinados materiais inexistentes localmente, fez com que meios de execução fossem criados.

Boa Vista é uma cidade que padece da ausência de bons materiais de construção. O tijolo e a telha não são de boa qualidade e tudo vem de fora, por estradas péssimas, com grandes dificuldades. Nessas condições seria difícil abastecer o canteiro de obras com mais de 132.000 m² de piso. Foi necessário o governo montar no local uma fábrica de mosaico (ladrilho hidráulico) para revestimento dos passeios, praças, quadras de esportes e edifícios. Isso, na época, constituiu uma iniciativa muito importante, pois todo o equipamento veio do sul do país e a mão-de-obra – quase cem peões – teve que ser contratada em Fortaleza. (LIMA NETO, 1989, p. 119, grifo nosso).

As estruturas arquitetônicas foram dispostas ao longo de todo o parque, de forma que abrangesse o máximo possível da área disponível. Com exceção do Pórtico de Entrada e do Anfiteatro, que assumiram a necessidade funcional da resistência, com uso de concreto armado em sua estrutura, as obras foram edificadas em madeira da mata,

cuja espécie escolhida, a acariquara (*Minquartia guianensis*), com boa qualidade estrutural, além de plástica, cujas peças podem possuir até vinte metros sem emenda. *Os Nativos dizem que ela não apodrece; os cupins fazem ninho em seu tronco e comem de outro lugar* (LIMA NETO, 1989, p. 117). Contudo, cabe registro, a espécie é de região da floresta, não do bioma do cerrado roraimense.

Visões de um Parque

A construção do projeto do Parque se deu entre os anos de 1981 e 1983, contudo sua conformação recebeu várias intervenções posteriores. Embora subsistam alguns elementos do projeto inicial, atualmente várias intervenções descaracterizaram a proposta vencedora, de Lima Neto. Contudo o projeto do Parque Anauá foi indutor de um espaço público que assumiu a importância social que passou a expressar, dentro da dinâmica roraimense, que lhe auferiu as devidas qualidades de espaço vivo para a cidade de Boa Vista. Também indicativa é a opção entre os projetos escolhidos, que possuíam atributos diversos, apesar do programa comum. As duas propostas concorrentes apresentavam ideias distintas para o espaço.

O projeto da DPJ tinha visão mais conservativa, tanto pela inserção de elementos programáticos (como o zoológico) quanto na opção de uso de materiais e propostas formais dos elementos arquitetônicos, além do respeito à preexistência de estruturas. A opção pelo uso de matérias-primas e tecnologia local, além de dotar ao espaço um caráter de continuidade paisagística com a fitofisionomia do lavrado, traduzia-se em certo bucolismo – talvez diverso da dinâmica social que o espaço já possuía. A arquitetura se integrava, na proposta, ao ambiente, de forma harmônica e a opção da denominação de Parque do Lago dos Americanos reforça o caráter de manutenção das dinâmicas prévias.

O projeto de Lima Neto, por sua vez, se propõe a elementos de arrojo, tanto formal quanto no uso de materiais e técnicas, introduzindo

novidade ao contexto do Parque Anauá. Mesmo as edificações cuja opção material era de madeira local, destacava-se a composição plástica de planos e volumes. A proposição de estruturas em concreto armado e materiais inexistentes na região, por sua vez, vai ser indutora de processos de produção e qualificação da mão-de-obra local. A própria escolha do nome da proposta – Parque Anauá – insere-se nesse contexto de renovação, dando identidade que difere das anteriores.

O projeto inicial, oriundo do concurso, vem sofrendo ao longo dos anos alterações. Em relação aos edifícios com uso de madeira, poucos se mantêm e, mesmo os elementos produzidos em concreto armado, já sofreram alterações. No anfiteatro, foi promovida recente demolição do palco e camarins, bem como a abertura de salas abaixo da arquibancada, visando promover novas dinâmicas em espaços considerados subutilizados. Para o antigo conjunto de bares, construído próximo à entrada do Parque, foi dado novo uso, sendo hoje a base da Companhia Independente de Policiamento Ambiental de Roraima. O Museu Integrado de Roraima, desativado desde 2016, permanece em desuso. A situação de má gestão do espaço tem sido sensível ao longo dos anos, a ponto de trazer à cena a mobilização social em ações de proteção do espaço (QUADROS, 2016). Todo o Parque carece de manutenção, sendo perceptível a deterioração com o decorrer do tempo, o que favorece, em contrapartida, propostas de renovação e intervenções que não dialogam com o projeto original vencedor do concurso. (Il. 4)

Intervenções posteriores

O sentido de novidade será considerado nas intervenções posteriores, fazendo do Parque Anauá um espaço sempre atrativo, tanto por suas dinâmicas de uso quanto pela ambiência, onde o elemento arquitetônico é sempre protagonista. Nesse sentido, o papel político de visibilidade das intervenções também terá seu relevo.

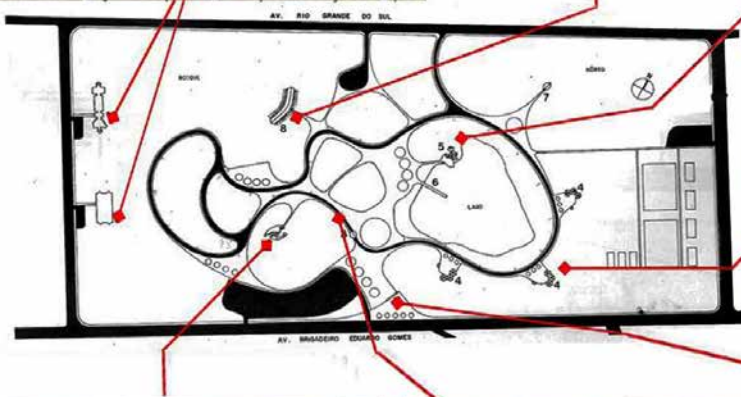
A promoção do surgimento do Parque Anauá está associada à imagem da gestão do brigadeiro Ottomar de Sousa Pinto, em sua segunda gestão do Território Federal, de 1979 a 1983. A oportunidade do projeto se faz na conjunção de um período histórico de interfaces políticas e de experimentações no campo da arquitetura e do urbanismo extremamente relevantes. Portanto a produção de um espaço público dessa escala atribuída grande força simbólica, especialmente para a cidade de Boa Vista, quando há grande tendência de ocupação do espaço público pela população em seu tempo livre. Portanto o controle da função social do espaço público também se fazia importante, dentro do cenário da conjuntura nacional.

O Parque Anauá terá seu nome novamente associado ao governador Ottomar de Souza Pinto na sua terceira gestão (2004 a 2007), onde novas funções e estruturas serão acrescidas. Desde sua criação o protagonismo arquitetônico lhe foi característico e, nesse caminho

outras estruturas foram adicionadas no decorrer dos anos, como uma área coberta para shows – forró-dromo -, o parque aquático, pistas de bicross, motocross, patins e skate, pista de aerodelismo, entre outras estruturas, algumas de caráter temporário (QUADROS, 2016, p. 60).

Podemos somar ao conjunto de lazer em que se insere o Parque Anauá a área contígua (NASCIMENTO *et al.*, 2018a), em que temos o Ginásio de Esportes Vicente Feola e a Praça Interativa José Renato Haddad (popularmente conhecidos como Totozão e a Praça das Fontes, respectivamente). Na segunda gestão Ottomar as estruturas foram produzidas pela equipe da Secretaria de Estado de Infraestrutura, no nascente Estado de Roraima, durante o segundo governo de Ottomar Pinto, entre 1991 e 1995. Contudo a interferência simbólica da figura do brigadeiro Ottomar é perceptível na própria concepção arquitetônica de muitos projetos desenvolvidos pela equipe, com frequente utilização de estrelas e elementos que remetessem à Aeronáutica, como representação de pássaros.

PAISAGENS HÍBRIDAS



Il. 4: Intervenções dos períodos Ottomar de Souza Pinto: Praça Interativa, Ginásio Vicente Feola, Forródmromo e Parque Aquático.
Fonte: Laboratório de Práticas de Projeto e Pesquisa da UFRR.

Na terceira gestão Ottomar (2004 a 2007) tem-se a descentralização das estruturas de lazer, especialmente visando atender a setores da cidade que surgiram a partir da decadência da estrutura do garimpo na Serra do Tepequém, município de Amajari. Um equipamento característico foi o surgimento de parques aquáticos públicos que, assim como outras estruturas, foi inserido igualmente no Parque Anauá. Esses projetos também foram desenvolvidos pela equipe técnica do Estado.

A importância sociocultural que o Parque Anauá possui para a cidade de Boa Vista é irrefutável e a ele relacionado. Várias atividades são desenvolvidas, tanto sob a forma e eventos culturais quanto na instalação de novas estruturas. Podemos apontar que diversos espaços promovem ações no Parque, mesmo não pertencendo necessariamente aos seus limites, tais como a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), o kartódromo, Casa da Capoeira, o Restaurante Bambulago (locado na casa dos proprietários primários), Centro de Produção e Comercialização do Artesanato Indígena de Roraima “*Ko Go Damiana*”, Horto Municipal de Boa Vista, entre outras estruturas.

Temos que, do projeto original, de Otacílio Teixeira Lima Neto, das duas escolas previstas, apenas o edifício da Escola Estadual de Música de Roraima (EMUR) está ativo; a Companhia Independente Policiamento Ambiental e Grupamento Independente de Intervenção Rápida Ostensiva (GIRO), estão locados na estrutura de um dos edifícios previstos para abrigar o conjunto de bares; o centro cultural/museu está desativado; o anfiteatro sofreu alterações estruturais e abriga a Galeria de Artes Luiz Canará; todas as demais estruturas – estação do bondinho, dois conjuntos de bares, restaurantes, ancoradouro – a exceção do pórtico de entrada, já não existem mais.

Recentemente outras funções têm sido instaladas no espaço do Parque Anauá, sem considerar a perspectiva de lazer que o caracteriza, como estruturas para órgãos públicos, enquanto aquelas relacionadas à cultura têm sido subutilizadas. Nova proposta, esta de grande escala,

PAISAGENS HÍBRIDAS

tem sido ventilada para a área do Parque, sem transparência ou consulta popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância social do Parque Anauá faz com que este seja um espaço rico e dinâmico, imprescindível para a cidade de Boa Vista. É inegável que a apropriação deste espaço – dentro do simbolismo que o mesmo representa – seja feito de forma inteligente, tanto pela sociedade quanto por gestões que o potencializam em suas qualidades e funções. Eventos, festas e feiras têm o Parque como *locus*, atraindo perfil diversificado, além das formas de uso menos intensas, como piqueniques de pequenos grupos e outras atividades sociais. Contudo, inclusive pela relação de pertencimento clara da população com o espaço, há forte reação quanto ao seu abandono, o que não



Il. 5a, 5b, 5c e 5d: Panorama do parque
Fonte: Laboratório de Práticas de Projeto e Pesquisa da UFRR.

tem evitado que as instâncias públicas promovam intervenções questionáveis quanto à unidade do conjunto arquitetônico.

O Parque Anauá é um lugar, na dimensão de um espaço de significação. Assim, estudá-lo é sempre uma busca de camadas de significados, que vão além do conhecimento histórico e crítico sobre a produção arquitetônica roraimense. Entretanto, por se caracterizar como campo de estudo bastante recente, a produção de conhecimento em arquitetura e urbanismo roraimense precisa de aprofundamento. Os elementos arquitetônicos que fazem parte do Parque registram momentos importantes de Roraima e dão pistas para várias investigações.

Uma questão ainda pouco explorada está relacionada ao próprio contexto da paisagem natural, que se relaciona com a edificada, na apropriação do espaço. Uma das práticas mais comuns é a de passeios de fim de tarde, para apreciar o pôr-do-sol no Parque, normalmente com encontro de grupos ou famílias para várias atividades de lazer. Nesse sentido, a amplidão do lavrado é elemento primordial, assim como para a prática de aerodelismo ou simplesmente empinar uma pipa, garantida pela ventilação do amplo parque.

Entre os projetos que compuseram o concurso, em 1980, existe uma diferença conceitual básica: enquanto um buscava se inserir no parque de forma quase imperceptível, integrando-se ao meio e paisagem, contudo sendo um parque de lazer; o outro propunha estruturas formalmente mais arrojadas, integrando-se principalmente pelas funções que propunha, como escolas e museu. O papel dos arquitetos pioneiros que construíram efetivamente Roraima também é significativo e se entrecruza com o projeto original, introduzindo traços de arquitetos migrantes (SEGAWA, 1988) como Maria Perpétua Barbosa, Antero Sá, Omar Xaud, Otília Pinto, entre outros .

Desta maneira, podemos afirmar que a diversidade que se manifesta no Parque Anauá, sobre vários aspectos, assume características de

congraçamento em torno da diversidade própria do povo roraimense, cujo projeto de Otacílio Lima Neto foi muito feliz, por propor estruturas arquitetônicas que dialogaram tanto a geometria quanto a técnica, sendo generoso ao assimilar, em bom diálogo, as estruturas contemporâneas posteriores. Mais do que a manutenção de um projeto arquitetônico para o parque público, a escala e a ambiência que o caracterizam devem ser consideradas, pois são a verdadeira essência da dinâmica do Parque Anauá, permitindo ser espaço de promoção da qualidade de vida, onde o exercício do tempo livre, tão raro em outras capitais, ainda é comum em Boa Vista.

REFERÊNCIAS

INSCRIÇÃO Nº 6. Parque Lago dos Americanos. Belém: DPJ Arquitetos Associados, 1980. 23 p. Trabalho não publicado.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: UNICAMP, 1990.

LIMA NETO, Otacílio Teixeira. Anauá: área verde, lazer e cultura para a capital de Roraima. In: *Revista Projeto 120*, 1989.

LIMA, Emiliano Cavalcante Teixeira. Anauá - Bisão. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por claudia.nascimento@ufr.br em 16 jun. 2017.

LIMA, Mozarildo Contrera. Estórias da história do Parque Anauá. 2011. Disponível em: <https://www.flogao.com.br/kontrercss/139777676>. Acesso em dez.2018.

NASCIMENTO, Claudia H. C.; LINS, Judson W. de R.. Signos da margem da Amazônia: o lavrado. In: *II Encontro Patrimônio Cultural e Sociedade*, 2017, Belém. Anais... Belém: DPHAC/SECULT, UNAMA, 2017.

NASCIMENTO, Claudia H. C.; NUNES, Gustavo N.; OLIVEIRA, Kelly C. R. de; PEREIRA, Yanne, C. C.; TRIANI, Angélica P.; SILVA, Ohana P. da. Ginásio Poliesportivo Vicente Ítalo Feola: história e arquitetura. In: *III Seminário de Arquitetura Moderna da Amazônia*, 2018, Belém. Anais... Belém: UFPA, 2018.

NASCIMENTO, Claudia H. C.; PAZ, Cibele C. A.; SANDER, Rafaela C.; ALMEIDA, Suelen C. da S. N.; ROCHA, Rayresson L. da. Projetos para o Parque Anauá, Boa Vista/RR. In: *III Seminário de Arquitetura Moderna da Amazônia*. Belém. Anais... Belém: UFPA, 2018.

PONCE DE LEON, Delberg; NEVES, Nelson Serra ; LIMA NETO, Otacílio (Orgs). *Panorama da Arquitetura Cearense* V. 1 e 2 (série Cadernos Brasileiros de Arquitetura nº 9 e 10). São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda., 1982

QUADROS, Lennon Uriel Brito. *Os lugares no/do parque: uma proposta placemaking para o Parque Anauá*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2016. (monografia de graduação em Arquitetura e Urbanismo).

SEGAWA, Hugo. Arquitetos Peregrinos, Nômades e Migrantes. In: RANGÉ, Jacques. *Arquiteturas no Brasil/anos 80*. São Paulo: Projeto, 1988 (p. 9 - 12).

NOTAS

- ¹ Segundo informações do arquiteto José Freire (DPJ-Belém) e da arquiteta Perpétua Barbosa (arquiteta aposentada da Secretaria de Estado de Infraestrutura de Roraima).
- ² Observamos que o mesmo modelo de ladrilho hidráulico utilizado como um elemento característico dos projetos de Otacílio Teixeira Lima Neto, visto que o mesmo padrão gráfico proposto para o calçamento externo do Parque Anauá foi produzido para ser utilizado no projeto do mesmo arquiteto para a Beira-Mar de Fortaleza, um de seus projetos mais importantes (NASCIMENTO *et all.*, 2018b). Registramos esse ponto por considerar que, diante da condição da construção civil na capital roraimense à época ser precária e o recurso em termos de materiais de construção ser, até hoje, em alguns aspectos, de difícil acesso, essa escolha reflete certa posição conservadora do arquiteto em relação às suas propostas.
- ³ Sobre esse equipamento, especialmente, a descontinuidade de ações e a falta de envolvimento dos setores públicos têm levado à perda incalculável, visto ser esse a única instituição museal do Estado de Roraima. Portanto, embora tenha sido iniciado processo para sua recuperação, tanto o edifício quanto o acervo tem sofrido gravemente.
- ⁴ Ottomar de Souza Pinto, brigadeiro da Aeronáutica, foi gestor de Roraima em três ocasiões: uma no período do Território Federal (de 2 de abril de 1979 a 7 de abril de 1983) e duas como governador eleito, de 1 de janeiro de 1991 a 1 de janeiro de 1995 e de 10 de novembro de 2004 a 11 de dezembro de 2007.
- ⁵ O papel dos arquitetos pioneiros em Roraima, que vão ocupar funções técnicas e de gestão em órgãos públicos, será fundamental na construção da expressão arquitetônica em Boa Vista e, em especial, nas intervenções do chamado Período Ottomar.
- ⁶ A Lei Estadual nº 634, de 11 de janeiro de 2008 altera o nome do ginásio, passando a se chamar Ginásio de Esportes Governador Ottomar de Souza Pinto, mantendo a primeira denominação como nome de fantasia. Totozão passa a ser um apelido, em referência ao homenageado, Ottomar (NASCIMENTO *et all.*, 2018a).

- ⁷ Não nos aprofundaremos nesse tema, mas tem sido trabalhado em outras pesquisas dentro da equipe dos Laboratórios de Práticas de Projeto e Pesquisa e de História da Arquitetura e Urbanismo, a partir da representação do poder através da Arquitetura e Urbanismo roraimenses.
- ⁸ Parques Aquáticos Públicos foram instalados nos bairros Caçari, Caranã, Asa Branca e Jardim Primavera, além do Parque Anauá e no município de São Luiz, no sul do estado (NASCIMENTO *et all.*, 2018b).
- ⁹ A outra edificação, prevista no projeto para abrigar uma escola de educação especial, sofreu sinistro de incêndio em 2014, e encontra-se abandonada.
- ¹⁰ Órgãos ligados ao Instituto de Amparo a Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de Roraima (IACTI).
- ¹¹ *"Diante da situação de abandono do Parque, a organização comunitária 'Amigos do Parque Anauá', desde 2014, promove eventos e ações (...), o coletivo realizou eventos independentes do poder público, como um 'mutirão' para limpeza do lago do Parque e o 'I Sarau Amigos do Parque', apresentando novas formas de apropriação e manutenção do espaço"* (QUADROS, 2016, p.62).